TL295-36

II Jornadas de Timor da UP

TEMA I - CONTEXTO INTERNACIONAL

Licínia Ramos Horta

INDONÉSIA APOSTA NA NOVA GERAÇÃO

Estive dois anos numa Universidade de Bali (Indonésia) estudando na área de literatura inglesa.

Há mais de duzentos estudantes timorenses a estudar em Bali. Todos os estudantes timorenses depois de terminar o ensino liceal e se quisessem continuar os seus estudos nas universidades indonésias deveriam ser seleccionados através de um teste. Passado o teste, teriam de ter aprovação de KOOPSKAM(serviços secretos e de segurança da Indonésia) depois de submetidos a outro teste.

É a KOOPSKAM que dá a última palavra. Aprovados pela KOOPSKAM e ao estudar nas universidades na Indonésia, são integrados nas organizações estudantís timorenses, todas elas sob controle das autoridades militares indonésias. Por exemplo, em Bali, todos os estudantes timores devem fazer parte da Aliança de Estudantes Timorenses Universitários e do Liceu - IMPETTU (em indonésio).

Estando muitos timorenses a estudar em Bali, esta organização estudantil é a maior de entre todas as outras. Assim, as autoridades militares indonésias decidiram indigitar um comandante militar indonésio para ser o seu chefe supremo. Como é de esperar, todas as iniciativas dessa organização partem do sector militar em coordenação com as autoridades cívis e sob as directrizes do governo central de Jakarta. Este e outros grupos são mobilizados pelos militares de Bali e de Timor Leste para exercer actividades junto da população em Timor Leste. Já várias vezes estudantes timorenses desta organização e de outras suas congéneres tinham sido mobilizadas de Bali ou de outras localidades da Indonésia para Timor Leste, transportados em aviões militares "HERCULES".

As autoridades indonésias não só controlam as actividades da organização como também lançam uma rede de espinonagem no seio dos estudantes, nas escolas, universidades e nas suas residências; pagam e instruem estudantes timorenses para espiarem os seus conterrâneos que compartilham do mesmo tecto ou da mesma secretária, além de outros estudantes indonésios das outras províncias fazerem o mesmo "serviço". Os professores também são espias. Trabalham activamente com os serviços secretos indonésios.

O clima de desconfiança, a vigilância e o controle constante dos estudantes timores através destas organizações estudantís, provém de vários motivos, tendo maior destaque para a FRETILIN em Timor Leste que se faz sentir em todas as partes do território, nas montanhas, nas zonas ocupadas e mesmo na Indonésia.

O comportamento dos estudantes timorenses vem agravar ainda mais esse clima de desconfiança: nas escolas agrupam-se, evitando sempre conviver com os estudantes indonésios; o mesmo acontece com os balineses que preferem conviver com outras pessoas que não sejam timorenses, por razões religiosas, culturais, etc. . Várias vezes houve conflitos entre timorenses e indonésios na escola ou nas ruas; a língua é também um dos factores que vem realçar as hostilidades já existentes. Os timorenses não estão interessados na língua indonésia. Ela é também um dos motivos dos agrupamentos que se verifica nas escolas. Dos mais de duzentos timorenses em Bali, apenas dois deles estão a estudar a literatura indonésia, enquanto que a maioria optou em estudar outros cursos, sendo o curso de Economia o mais frequentado, seguido de Medicina e Direito.

Nas escolas aprende-se mais sobre a Indonésia; o "Pancasila" - os cinco princípios filisóficos do Estado Indonésio - é disciplina muito importante e estuda-se em quase todas as áreas de estudo. Muitas vezes é a nota desta disciplina que determina a aprovação nos exames. Quanto a Timor Leste, não se faz nenhuma referência; não há debates/discussões alargadas entre os estudantes timorenses sobre questões políticas internacionais, democracias em outros países, situação económica, etc. Conforme disseram os professores e as autoridades militares, *"isto não é matéria para os timorenses"*. A Indonésia é tudo e só ela é que existe no mundo. A Indonésia libertou o povo de Timor do colonialismo português; os timorenses são considerados um povo atrasado e segundo os indonésios, para se libertar desse atraso devem assimilar tudo o que é javanês ou das culturas de outras províncias da Indonésia, como Bali, por exemplo.

Qualquer estudante timorense que consegue ir a Bali para continuar os seus estudos deve apresentar-se após a sua chegada ao comando militar de Bali, para um encontro com as autoridades militares durante o qual é lhe dito para não conviver apenas com os seus conterrâneos mas deve conviver com as pessoas locais ou outras que não sejam timorenses e ao mesmo tempo é instruído para fazer outros trabalhos, como o de espia.

A relação professor-estudante (timorense) é também exigida pelas autoridades militares como importante para o desenvolvimento da língua e servindo-se também de tutor.

Como atrás referi, não há debates alargados e aprofundados sobre questões internacionais, mas muitas vezes elas surgem inevitavelmente nas aulas, apesar de os professores e os estudantes mais distinguidos tentarem sempre que puder esquivar-se a questões que apresentem semelhanças aos aspectos negativos e vulneráveis da Indonésia; em caso de haver semelhanças ao caso de Timor Leste, então é aconselhável não falar no assunto pois seria punido, e a pena mais leve é não passar nos exames, como aconteceu com uma colega minha que numa aula de "Pancasila" durante a qual se discutia sobre o direito dos povos à autodeterminação. Como disse, como consequência do seu atrevimento foi a única que não passou nos exames, apesar de ser a mais brilhante e distinguida na turma.

É bem visível o esforço e a preocupação dos indonésios em transformar a mentalidade timorense em indonésio: o controlo dos estudandes timorenses através de organizações do género IMPETTU, criada e dirigida pelos próprios indonésios; a constante vigilância dos estudantes onde os mais suspeitados são rigorosamente controlados e os outros também sob vigilância. Um exemplo apenas: a censura das cartas familiares; o método de ensino nas escolas do liceu e nas universidades, etc., evidenciam os seus objectivos.

Porém, as consequências da invasão indonésia estão muito longe de esquecer. Elas estão bem vivas na memória e são aliás, parte da vida quotidiana do timorense, do estudante. Se até hoje a Bomba-A lançada na Hiroshima se encontra fresca na memória dos japoneses, 15 anos preenchidos de sofrimento não são suficientes para esquecer a invasão da Indonésia, as atrocidades, as violações dos direitos humanos, os maus tratos, etc...

Os estudantes timorenses não se sentem indonésios. A resistência armada nas montanhas e a resistência nas zonas ocupadas, estimulam o espírito nacionalista e

hostilizam cada vez mais os indonésios. A guerra em Timor Leste dura há já 15 anos, o que em termos históricos significa pouco tempo. Portanto, muitos dos colegas, irmãos, parentes, etc., que desapareceram ou que foram executados continuam nas mentes dos estudantes; as grandes batalhas travadas entre as FALINTIL e ABRI (forças armadas indonésias) continuam nas mentes dos estudantes; a maioria dos estudantes estiveram nas bases de apoio da FRETILIN nos primeiros anos da invasão; esta nova geração que a Indonésia aposta em obter uma mentalidade javanesa/indonésia e integracionista é também a geração que sobreviveu aos massacres indonésios desde o 1º dia de invasão em 7 de Dezembro de 1975, 78, 79, 80, etc... enfim, ao longo de todos estes anos de ocupação indonésia; os estudantes, são da geração que quando alguém da família morre, pergunta: *"Morreu de doença, acidente ou pelos "tentaras" (soldados indonésios)"?*

Por enquanto, o comandante indonésio, Prabovo, genro do presidente Suharto, parece ser o único a admitir que é um falhanço apostar na nova geração. *"Para acabar com a guerra em Timor Leste deveria exterminar todos os timorenses"* disse um dia o comandante indonésio em Timor Leste quando os seus soldados do batalhão 328 *"mordiam o pó"* no campo da batalha e a ver os seus planos militares frustrados.

Licínia Ramos Horta